



## “Mom, i have five teachers”. An experience report about the male presence on kindergarten

## “Mãe, eu tenho cinco tias.” Um relato de experiência da presença masculina na creche

SANTOS, João Vitor Barbosa <sup>(1)</sup>; SANTOS, Carla Manuella de Oliveira <sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> 0000-0002-7488-4895, Professor de Educação Básica da Escola Municipal de Educação Básica Augusto Alves da Graça, Ouro Branco AL, Brazil, joao.19vitorbarbosa@gmail.com;

<sup>(2)</sup> 0000-0003-4603-0806; Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Santana do Ipanema AL, Brazil, carla.manuella@uneal.edu.br;

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

### ABSTRACT

The male presence in day care centers is something relatively new or almost non-existent, as it causes estrangement or prejudice on the part of society, since for a long time and until the present day, who occupy most positions in these educational institutions are women, also due to the fact that of the female presence to refer issues related to care and motherhood. In view of this, this study seeks to analyze some experiences lived by a student of the Pedagogy Course, at the State University of Alagoas, during the Teaching Internship of Early Childhood Education, considering the discussions focused on the male presence in the day care center, as well as gender relations. and male identity of men who choose teaching as a profession. The work has a qualitative methodological perspective, based on bibliographic research and reports of action research experiences during the internship, bringing elements of the field diary during the experiences at the day care center. The results achieved were perceptible in the changes that could occur in the pedagogical practice of the Pedagogy student, who with all the experiences during the internship broke prejudices that he himself had of himself in relation to the male presence in the day care center, which made possible a new look at the Early Childhood Education, extolling the importance of the internship for their teacher training.

### RESUMO

A presença masculina em creches é algo relativamente novo ou quase inexistente, por causar estranhamento ou preconceito por parte da sociedade, já que durante muito tempo e até os dias atuais, quem ocupa a maioria dos cargos nessas instituições de ensino são mulheres, ainda pelo fato da presença feminina remeter questões ligadas ao cuidado e a maternidade. Diante disso, este estudo busca analisar algumas experiências vivenciadas por um graduando do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Alagoas, durante o Estágio de docência da Educação Infantil, considerando as discussões voltadas para a presença masculina na Creche, bem como as relações de gênero e identidade masculina de homens que escolhe a docência como profissão. O trabalho tem uma perspectiva metodológica qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica e relatos de experiências da pesquisa-ação durante o estágio, trazendo elementos do diário de campo durante as vivências na Creche. Os resultados alcançados foram perceptíveis nas mudanças que puderam ocorrer na prática pedagógica do graduando de Pedagogia, que com todas as vivências durante o estágio rompeu preconceitos que ele mesmo tinha de si em relação à presença masculina na Creche, o que possibilitou um novo olhar para a Educação Infantil, enaltecendo a importância do estágio para a sua formação docente.

### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

#### Histórico do Artigo:

Submetido: 30/11/2022

Aprovado: 31/03/2023

Publicação: 03/07/2023



#### Keywords:

Early Childhood Education,  
Genre, Children.

#### Palavras-Chave:

Estágio, Educação Infantil,  
Gênero, Crianças.

## Introdução

Este estudo surge da necessidade de pensar e refletir a presença masculina na Educação Infantil enquanto docente, a fim de contribuir para as pesquisas acerca desta temática. Diante disso, iniciamos apresentando o título escolhido para o presente trabalho, “Mãe eu tenho cinco tias.” Um relato de experiência da presença masculina na creche.

A priori, a escolha deste título surge a partir de um relato que, uma mãe de uma das crianças da turma ao qual atuei como estagiário fez, em relação à felicidade da filha em ter mais professoras em sua sala de aula e da espontaneidade que tal assunto foi tratado, quando relatado para todos no momento em que a sua responsável deixava sua filha na escola. A criança de 03 anos havia relatado a sua mãe, que agora teria cinco tias, se referindo a professora titular, a auxiliar, eu e mais duas estagiárias. O fato da criança ter se referido a mim como tia me chamou atenção e fez pensar sobre uma série de questões, em relação à presença de homens na creche, já que não era algo que fazia parte do cotidiano daquela instituição, onde apenas o vigilante noturno era do gênero masculino.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é evidenciar a presença masculina em uma turma de Creche, durante o estágio de docência na Educação Infantil do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Alagoas, *campus* II. Proporcionando uma discussão acerca das questões de gênero e “discriminação” as quais muitas vezes o homem que escolhe o magistério, como profissão vivencia quando sua atuação acontece na Educação Infantil, uma vez que o ato de cuidar se torna socialmente, voltado para a mulher por remeter a representação do sensível e trazer em si os traços da maternidade.

Desse modo, o estágio aconteceu em concomitante com o Programa Residência Pedagógica, em uma Creche Municipal do Município de Santana do Ipanema, Alagoas, que atende a crianças de 02 a 03 anos (Creche) e 04 e 05 anos (pré-escola). A turma de atuação dos estagiários foi a de crianças com 03 anos de idade, onde foram desenvolvidos momentos de caracterização da turma, observações da rotina e elaboração de um projeto de intervenção que foi desenvolvimento por meio de momentos interventivos e a partir da realização dos planos de atividades nos momentos de regências, sendo possível aos estagiários a atuação como docente titular e auxiliar de turma, até a culminância, finalização e exposição do relatório final do estágio.

Para tornar a nossa discussão e relatos mais sólidos, foram utilizados alguns estudos que discutem a presença masculina na educação infantil, como: Carvalho (1998), Connell (1995), Gonçalves e Penha (2015), Novakowski et al. (2016), nos possibilitando vários olhares acerca da temática que abordaremos neste trabalho.

Ademais, serão oportunizadas algumas considerações que se tornam imprescindíveis para a realização deste estudo, diante da importância e relevância dele para o meio acadêmico.

A partir de agora, sintetizaremos algumas ideias que surgiram antes de nos voltarmos para as questões práticas.

### **Papel masculino: uma breve discussão sobre gênero**

A priori, nos deteremos a pensar as relações de gênero e as relações de poderes que estão imbricadas nessas discussões, a fim de percebermos aquilo que é colocado como papel masculino, visto que quando um homem segue à docência como profissão e escolhe ou é levado a atuar na Educação Infantil causa certa estranheza ou até mesmo preconceito, por parte da sociedade, uma vez que é colocada dúvida a masculinidade do mesmo, tais fatos ocorrem pelo sentido hegemônico e traços do patriarcado vividos até os dias de hoje.

Diante disso, ao explicar o conceito de gênero, Connell (1995) propõe que:

O gênero é, nos mais amplos termos, a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. No gênero, a prática social se dirige aos corpos. (p. 189).

Corroborando com o autor, é essa dinâmica histórica que possibilita uma visão melhor do ciclo de categorias de gênero que, impede que elas se tornem repetitivas. Dessa forma, o mesmo enfatiza que, o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade, tendo, na verdade, uma importante dimensão internacional (Connell, 1995). Diante disso, as discussões de gênero tornam-se complexas, principalmente, em relação à masculinidade, já que em um mesmo contexto social podem ser vividas várias masculinidades ao mesmo tempo.

Essa discussão vai além dos papéis de sexo, principalmente quando o homem atua numa profissão considerada feminina. Diante do exposto, faz-se necessário que possamos entender o conceito de masculinidade, ou melhor, masculinidades.

Segundo Connell (1995),

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades" (p. 188).

O autor nos chama a atenção para o que se tem tornado comum discutir quando se fala nas relações de gênero e do papel masculino até o que ele considera como "masculinidades".

Primeiro precisamos entender que, isso implica as relações de poder na sociedade, para que o gênero não fique como uma variedade de estilos de vida ou identidades. Mas, pensarmos a figura masculina como, propicia às mudanças, principalmente em suas práticas, enfatizando não o que se é esperado ou imaginado que façam e sim o que realmente fazem.

Quando falamos de papel masculino é como o gênero masculino era compreendido, isso significa que havia um conjunto de expectativas que definiam a masculinidade apropriada (Connell, 1995). Esse tipo de visão é defendido por pessoas que ainda associam profissões e as distinguem como masculinas e femininas. Então, quando o homem se torna um docente ele está sujeito a críticas e ainda mais a falas que, coloca em dúvida sua masculinidade.

Desse modo, mesmo na condição de docente o homem sente a necessidade de mostrar que isso não influencia em sua masculinidade, como uma forma de resposta a si e aos outros que, defendem uma hegemonia do gênero, uma vez que tal sujeito é considerado alguém que é respeitado, que tem autoridade e domínio de situações numa instituição de ensino. Isso acontece pelo fato de que a profissão docente não exigir certa competitividade, controle ou algo do tipo ao quais muitas profissões que são consideradas masculinas esperam ter. Assim, o docente tenta de alguma maneira afirmar e defender sua masculinidade em atitudes e vivências no seu cotidiano.

Fiquemos atentos agora para a presença masculina na Educação Infantil (Creche), um novo olhar para um homem sensível e cuidadoso, que ressignifica a si mesmo e até mesmo o papel da mulher, que é considerada por muitos como a pessoa que tem a capacidade imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem, dessa etapa da educação básica.

### **O masculino na educação infantil**

De fato, a Educação Infantil tem uma predominância do gênero feminino, com relação à docência, mesmo tendo sido pensada por um homem. Assim, Friedrich Froebel criou o primeiro Jardim de Infância por entender que as crianças eram como plantas que precisavam ser cultivadas e, nesse contexto, as mulheres tinham maiores aptidões para trabalhar com as crianças menores de seis anos de idade (Gonçalves & Penha, 2015).

Se no nascedouro da Educação Infantil foi dessa forma, não era o que víamos no período jesuítico, quando só os homens eram responsáveis pela docência, no que viria ser na contemporaneidade o Ensino Fundamental, e a mulher ainda não poderia ser professora. Assim, podemos afirmar que o Ensino Fundamental foi pensado por homens e durante muito tempo a figura masculina prevalecia nas escolas no papel do professor (Gonçalves & Penha, 2015). Todavia, o homem era visto como o pai e educador no seio familiar, a partir disso o mesmo poderia também contribuir com a educação de outros sujeitos na sala de aula. O que gradualmente perpassou por alterações, quando a mulher começa a entrar no mercado de trabalho.

Ademais, teríamos o que se considerou como o processo de feminização do magistério. Gonçalves e Penha (2015) evidenciam que isso aconteceu ao afirmarem que,

a associação entre as habilidades femininas, principalmente relacionadas com a maternidade e a educação escolar de crianças, foram fatores que contribuíram para que gradativamente os homens se afastassem da profissão, tornando o magistério uma área de atuação mais feminina. (p.175)

A partir disso, mudanças ocorreram no contexto social dessa época, criando uma predominância da representação feminina. Ou seja, que a mulher tinha em si a vocação para a maternidade, por ser sensível e preocupada, responsável pelo cuidado com seus filhos quando criança e que seriam as pessoas mais aptas a assumirem o papel da docência. Além do mais, a questão salarial influenciou de forma considerável a saída dos homens, que diante do seu contexto social tinham a incumbência de manter o lar e com salários tão baixos isso se tornava impossível.

Gonçalves e Penha (2015) a partir de suas discussões nos mostram o quanto é interessante notar que mesmo o primeiro Jardim de Infância sendo idealizado por um homem, é a figura feminina que ele julga competente para trabalhar nesse ambiente educacional, levando em consideração suas relações de carinho e cuidado com as crianças. Então, desde a noção adotada como jardim de infância em que as mulheres eram consideradas jardineiras, elas são consideradas por questões biológicas ligadas a maternidade. Talvez algo que tenha impedido a presença do homem na educação infantil tenha sido essa cultura feminina que, estrutura-se numa proposta pedagógica “domesticada”. Ou seja, uma proposta que, não reflete uma perspectiva profissional, em que a Creche é vista como um espaço onde as trabalhadoras do sexo feminino são as pessoas capacitadas a docência, por serem vistas como substitutas maternas.

Essa “domesticação” está ligada ao fato de o homem ter que fazer o seu “nome”, de ser aceito muitas vezes como educador infantil, é evidente que geralmente não acontece tantos casos de discriminação quanto a isso, mesmo sendo considerada uma profissão feminizada, pelo menos não tão quando uma mulher escolhe uma profissão considerada masculina. Acredita-se que, se a proposta pedagógica de ensino estiver ligada a uma perspectiva mais profissional e menos domesticada, o docente homem terá um espaço maior de atuação na instituição de ensino infantil (Carvalho, 1998).

Assim, Saparóill (1994, como citado em Carvalho, 1998 p. 7) aponta que,

a feminização atribuída a ocupação de educador infantil, indicada através do grau de aceitação ou não de homens como educadores, estaria associada a concepção de educação e a estrutura das propostas pedagógicas de cada tipo de

instituição: quanto mais doméstica a concepção de educação, mais difícil a aceitação de homens e mais associada a características femininas a ocupação; quanto mais profissional a proposta, mais articulada enquanto projeto pedagógico, menos feminilizada a ocupação e maior a presença de homens como educadores.

Essa concepção doméstica adotada pela instituição de ensino, como a própria autora afirma, é algo relevante para entendermos os motivos que levam os homens a atuarem ou não, como docentes em uma turma de Educação Infantil, diante da realidade ao qual se deparam nas unidades de ensino. Trata-se de pessoas do sexo masculino, lidando quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associados a feminilidade, e por consequência as mulheres, uma vez que também unem pressuposto estabelecidos a estreita correlação entre feminilidade e mulheres, masculinidade e homens (Carvalho, 1998).

Diante disso, geralmente quando um docente chega a uma instituição de Educação Infantil, por ser homem, são delegados cargos na coordenação pedagógica, na direção ou qualquer outro que possa deixá-lo confortável e fora da sala de aula, por ver na figura masculina a ideia de líder e o chefe de família que pode ajudar na organização do espaço escolar, como faz em sua casa. Tais pensamentos estão aculturados em nossa sociedade, assim, não tratam esse sujeito com profissionalismo, embora tal situação deveria ser pensada de maneira diferente, levando em consideração a formação que o mesmo recebeu durante a sua graduação ou especialização que esse profissional tenha recebido no seu processo formativo. Ou seja, um novo olhar sobre os fatos mencionados se fazem necessários, principalmente na contemporaneidade.

No próximo tópico apresentamos o percurso metodológico que foi percorrido e serviram como coleta de dados para a realização deste estudo.

### **Caminhos metodológicos**

O trabalho tem uma perspectiva metodológica qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica e relatos de experiências da pesquisa-ação durante o estágio, trazendo elementos do diário de campo durante as vivências em uma creche municipal.

Em suma, o início deste estudo começa desde as vivências no estágio da docência na Educação Infantil, que aconteceu em concomitante ao Programa Residência Pedagógica em uma das escolas/campo de pesquisa, precisamente, em uma Creche Municipal que atende a crianças de 02 a 03 anos e pré-escola de 04 e 05 anos, situada na cidade de Santana do Ipanema – Alagoas. A instituição de ensino fica localizada numa área considerada periférica e que lida

com questões sociais de vulnerabilidades, e recebe as crianças da própria comunidade e do seu entorno.

Diante disso, é interessante nos situarmos sobre o propósito do Programa Residência Pedagógica, ao qual tem a finalidade de proporcionar ao estudante de licenciatura o primeiro contato com a docência e estimular a pesquisa. Com isso, durante todo o estágio na Educação Infantil, seguiu-se um cronograma que estabelecia todos os momentos que deveriam ser desenvolvidos na Creche. Além desses critérios, foi necessário responder e organizar uma documentação que é indispensável para a realização das atividades e o relatório final do estágio.

Dessa maneira, iniciamos nossas vivências com a caracterização da instituição para entendermos a proposta pedagógica, questões administrativas e da comunidade escolar, entrevistando a diretora e a coordenadora da Creche. Em seguida, aconteceu o momento de caracterização da turma de crianças na faixa etária de 03 anos, a fim de observar a rotina, as vivências e a socialização das crianças, além da relação professor/aluno, bem como entender o tipo de condições familiares que as mesmas viviam. Esse momento aconteceu mediante observações e uma entrevista com a professora titular, auxiliar da turma e instantes de conversas com as crianças.

Após os momentos de caracterizações e observações da rotina das crianças na turma, voltamos à Universidade para dialogarmos sobre o que foi coletado até aquele momento, junto aos demais colegas e a orientadora do estágio. Assim, logo em seguida iniciamos a elaboração de um projeto de intervenção e os planos de atividades de acordo com as necessidades da Creche e de cada turma.

O projeto tinha por título: Organização dos espaços: planejar, fazer e rever. Desse modo, tinha como objetivo intervir nas atividades, na organização e utilização dos espaços, a partir do ato de planejar, fazer e rever das práticas pedagógicas, desenvolvidas em uma turma de 3 anos (Creche) e na gestão escolar. Assim, foi realizado um momento de apresentação das propostas para as professoras titulares e auxiliares, a diretora, a coordenadora e a docente orientadora do estágio, além do mais, foram apresentados os planos de atividades e seus objetivos a serem desenvolvidos pelos estagiários durante as regências.

Em seguida, iniciou-se o período de regência, assim, os planejamentos foram realizados e desenvolvidos. Desse modo, a atuação de cada estagiário aconteceu como docente titular e auxiliar de turma. Todas as atividades tiveram um viés interventivo e deixaram algo de mudança nas dependências da instituição. Em uma dessas aulas cada estagiário foi observado e avaliado pela docente orientadora do estágio.

Ao finalizar as regências, houve a elaboração do relatório final do estágio a partir de tudo que foi vivenciado e desenvolvido na instituição de ensino. Após o término do estágio o relatório foi apresentado na Universidade.

## **Discussão e resultados**

A priori, o estágio da docência na Educação Infantil, possibilita uma vivência e experiência instigante aos graduandos de Pedagogia, pela relação e o vínculo criado com as crianças em cada momento vivido. Porém, em algumas situações senti-me um tanto “constrangido”, por não fazer o que seria o papel do professor em alguns momentos, como na hora de limpar algo que derramasse e sujasse a sala ou até mesmo na hora de arrumar as crianças depois do banho, as professoras sempre acabavam tomando a frente para fazer tais funções.

Neste sentido Araújo e Hammes (2012, p.16 como citado em Gonçalves & Penha, 2015) chamam a atenção para a “visão de que a creche é uma instituição onde apenas mulheres deveriam trabalhar. Por essa razão é vista com estranheza a presença de homens atuando como educadores ou assistentes pedagógicos”. Diante disso, buscar uma aproximação com as crianças da turma, uma vez que as mesmas possibilitam que o papel do docente seja desempenhado, mediante a ação de acolhimento que cada aluno expressava.

Assim, durante um dos momentos de observação, a professora precisou ir até a diretoria, foi quando houve a possibilidade de se estabelecer um diálogo com as crianças:

Inicialmente comecei a falar o nome de cada uma delas, para mostrar uma certa intimidade, até estabelecer um diálogo. Isso facilitou a conversa deixando-as mais à vontade para falar. As crianças estavam bastante curiosas e logo as perguntas foram surgindo, fui interrogado ali mesmo. Um deles perguntou: você não é muito grande para essa escola? Outra aluna também se mostrou preocupada perguntando: em qual cadeira você vai se sentar? Foi quando resolvi explicar o porquê eu e mais duas colegas estagiárias estavam na turma deles, falei que também estudávamos e estávamos aprendendo assim como cada um deles. (2019, dezembro, diário de campo).

Momentos como esse representavam o período de adaptação e aproximação no grupo de crianças, atentando para os detalhes nas falas das crianças, todavia, estavam atentas ao nosso tamanho (estatura), a nossa presença e o porquê de estarmos inseridos naquela rotina. Assim, foi possível refletir a necessidade de explicar o motivo da nossa presença em uma turma

que já tinha uma rotina estabelecida e, além disso, estabelecer um diálogo nos atentando para uma possível aceitação das crianças.

Diante disso, é oportuno lembrar que as crianças aparentemente não se mostraram intimidadas com a presença dos estagiários, o que tornou os momentos de observações ainda mais enriquecedores e interessantes. Com isso, em um dos momentos houve um fato que nos chamou a atenção:

Enquanto brincavam com a massinha de modelar, na hora da distribuição das cores pela professora, um deles disse: “eu quero de mulher”! Se referindo à massinha de cor rosa, e a professora logo respondeu, dizendo que era melhor verde ou azul e a rosa seria para uma de suas colegas. (2019, dezembro, registro de diário de campo).

Tal situação nos chamou a atenção, foi inevitável não refletirmos sobre o que vem sendo recorrente nos discursos das nossas escolas, referente às relações de gênero e identidade, ou que se espera de cada criança. A escola acaba por reproduzir ideias socialmente construídas sobre as questões de gênero. No que se referem à escola, alguns estudiosos chamam atenção para o quanto o ambiente escolar tem sido colaborador para a construção das identidades dos aprendizes (Novakowski et al., 2016).

Diante disso, as crianças muitas vezes acabam operando normas, regras e comportamentos que, são entendidas como as apropriadas a cada gênero, o que estimula uma visão limitada em relação ao convívio com o outro, além de garantir o predomínio da ideia antagonista do que deve ser de menino ou menina.

Além disso, outros momentos que foram marcantes aconteceram durante as regências. Em uma das aulas foi possível explorar melhor os espaços da Creche, e as crianças foram levadas para a área verde da Creche. Em um determinado momento da aula, uma delas pediu para ir ao banheiro, imediatamente a criança foi dirigida ao banheiro e ela não se intimidou com a presença de um professor ao acompanhá-la ao banheiro. Ao final da regência, foi possível fazer a seguinte reflexão, no meu diário de campo:

Um fato interessante aconteceu hoje, nem a professora e nem a auxiliar da turma tomaram a frente para levar uma aluna ao banheiro, deve ter sido porque a minha orientadora estava observando a aula. Fiquei mais impressionado ainda, pela compreensão da menina que ali eu também era professor, e por ela não apresentar nenhum estranhamento por eu ter acompanhado ela até o banheiro. Acho que eu mesmo me fiz essa discriminação, talvez eu que estava inseguro em relação a certas tarefas, isso serviu como um importante fato que está me fazendo agora, refletir a minha prática docente e a minha representação

social, já que com isso, eu acabo de quebrar um preconceito que estaria, possivelmente, enraizado dentro de mim alimentado pelas vivências, e por acreditar que uma mulher seria a pessoa ideal para desempenhar melhor esse papel”. (2019, dezembro, registro do diário de campo).

Desse modo situações como essa garantem ao discente/estagiário uma ideia de pertencimento ao local que está ocupando e colaboram para o desempenho de suas funções, ao mesmo tempo que ressignifica aquilo que o mesmo enxergava ou deveria esperar de si mesmo. Dessa forma, outro momento vivenciado foi após o banho, quando a professora, a auxiliar e outras estagiárias arrumavam as crianças e as vestiam.

Eu fiquei ali de lado observando, enquanto elas faziam todo trabalho, umas logo foram penteando e as outras vestindo as crianças. Quando eu fui surpreendido por um aluno, que me pediu para pentear seus cabelos e passar o perfume, logo me prontifiquei e assim fizemos, ao terminar de arrumá-lo era possível ver sua satisfação e felicidade por estar arrumado como os demais colegas e pelo fato de ter recebido a minha ajuda (2019, dezembro, diário de campo).

Tal experiência descrita pôde proporcionar uma sensação de utilidade e até mesmo de pertencimento naquele momento. Essa criança estava passando por um momento de separação dos seus pais e procurava sempre dar cheirinhos na professora e nos estagiários, o mesmo disse que gostava de sentir o perfume. Segundo a professora titular era apenas carência, porém na verdade talvez aquela foi a forma que o aluno encontrou de aceitação dos estagiários, uma vez que a criança demonstra também através de gestos ou pela forma o mesmo era tratado em casa.

Assim, a experiência na docência em turmas de Educação Infantil não é uma tarefa fácil, por isso são necessárias as vivências no estágio, a fim de garantir ao graduando de Pedagogia, a possibilidade de perceber e se preparar para atuar nessa modalidade de ensino, criando assim, uma identidade profissional enquanto professor de Educação Infantil. Dessa forma, a Pedagogia proporciona novos olhares, que são capazes de mudar nossos horizontes e ressignificar as nossas práticas. Diante disso, recordemos uma constatação de Gonçalves e Penha (2016), quando apresentaram o resultado de uma pesquisa com egressos do Curso de Pedagogia, ao apontar que,

existe uma possível falta de interesse desses homens por trabalhar na Educação Infantil, quando apenas um se diz disposto a enfrentar o que eles mesmos intitulam de desafio, porque cuidar e educar não são considerados tarefas fáceis, exigindo muita paciência, planejamento e até mesmo, como diz Beбето, esforço físico. (p.184).

Esse relato nos faz refletir acerca do tripé da educação infantil: educar, brincar e cuidar, por isso é preciso perceber a necessidade de uma boa formação para enfrentar desafios como estes, visto que, vivenciamos experiências e momentos de estudos durante nossa formação que terão grande relevância em nossa prática docente. Sendo assim, o convívio com essas crianças na Creche proporcionou um acordar, ou melhor, um novo olhar para as várias possibilidades da prática docente, ressignificando a visão que se tinha antes do estágio, além de promover uma formação sólida e reflexiva diante da atuação como professor de crianças da Educação Infantil. Assim, se o processo formativo acontecer dessa maneira, todo medo e insegurança se tornaram determinação, profissionalismo e resistência, a fim de mudar uma realidade que se instaurou na sociedade, em relação à presença masculina em uma turma de Creche.

### **Proposições finais**

Ante o argumentado, faz-se necessário observamos três pontos essenciais para a realização desse estudo. O primeiro é o valor social e acadêmico diante de uma temática relevante aos estudos de gênero e identidade. O segundo é a presença masculina em turmas de Educação Infantil, como forma de resistência ao pensamento hegemônico de masculinidade. E o terceiro é a notoriedade do estágio de docência como fator essencial para se estabelecer uma formação sólida e reflexiva, ao qual oportuniza ao graduando de Pedagogia a atuação na Educação Infantil, exercendo atividades docentes junto às crianças, experienciando contextos que podem ser escolhidos ou não para ser seguido na sua carreira de educador, além de alinhar as orientações teóricas e práticas.

Desse modo, podemos dizer que mesmo com muitos avanços e conquistas na educação, as questões de gênero precisam ser discutidas, uma vez que a sociedade ainda não compreende que não existem profissões masculinas ou femininas, como é o caso da presença masculina em uma Creche e, além disso, a sua escolha de atuar na docência. É preciso romper com as ideias hegemônicas ligadas à masculinidade e principalmente a feminilização do magistério.

Por fim, o estágio da docência na Educação Infantil, em uma turma de crianças de Creche possibilitou um olhar ressignificado do ato de educar e cuidar das crianças, diante de todos os desafios que um homem como professor pode enfrentar na Educação Infantil. Esperamos com esse relato de experiência contribuir para outros diálogos na Educação e ampliar o lugar da presença masculina em turmas de Educação Infantil.

### **REFERÊNCIAS**

Carvalho, M. P. (1998, janeiro). Vozes Masculinas numa profissão feminina. *Revista Estudos Feministas*, v. 2 (n. 6), p. 406-424. URL: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12017>

Connell, R. W. (1995, jul-dez). Políticas da Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, (n.2),

p. 185-206. URL:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>.

Gonçalves, J. P. & PENHA, N, R. (2015, jul-dez). Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de pedagogia. *Revista Zero-a- seis*, v. 17, (n. 32) p. 170-192. URL: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2015n31p170>

Novakowski, L. COSTA, M, V. & MARCELLO, F, A.( 2016, ago). Representações de feminino e masculino em pesquisa com crianças. *Revista eletrônica Zero-a- seis*, v. 18, (n. 34) p. 235-248, URL: [https://www.researchgate.net/publication/318481783\\_Representacoes\\_de\\_feminino\\_e\\_masculino\\_em\\_pesquisa\\_com\\_criancas](https://www.researchgate.net/publication/318481783_Representacoes_de_feminino_e_masculino_em_pesquisa_com_criancas).